



Iceland
Liechtenstein
Norway grants



Castro Verde



Reservas da Biosfera Territórios Sustentáveis, Comunidades Resilientes



Operador do Programa



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AMBIENTE E AÇÃO CLIMÁTICA

Promotor



Quaternaire
Portugal



1. A Reserva da Biosfera de Castro Verde (RBCV)

1.1. INTRODUÇÃO

A Reserva da Biosfera de Castro Verde foi declarada em junho de 2017, na cidade de Paris, passando assim a integrar a Rede Mundial de Reservas da Biosfera da UNESCO. A reserva integra exclusivamente uma área terrestre que corresponde à totalidade da área geográfica do concelho de Castro Verde com cerca de 56.944ha e localiza-se no interior do Baixo Alentejo, nas longas e extensas planícies do distrito de Beja, numa zona central do denominado Campo Branco. A RBCV tem 6 878 habitantes, de acordo com os Censos 2021, evidenciando uma variação negativa de 5,5%.

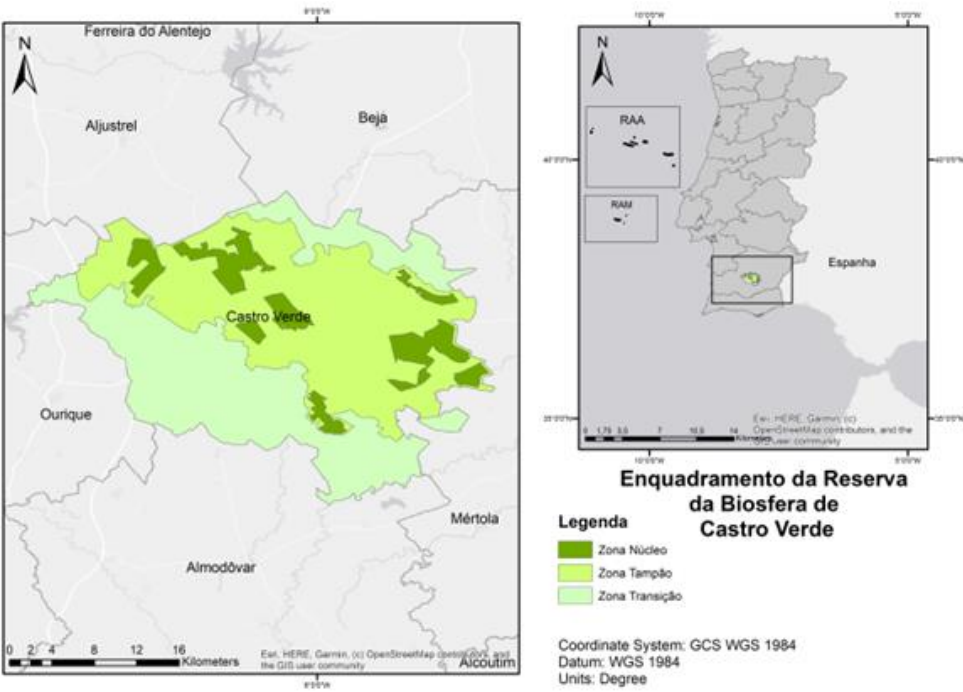


Fig. 1 – Enquadramento da Reserva da Biosfera de Castro Verde





As características edafo-climáticas deste território proporcionam condições de excelência para a presença de um elevado número de aves que vivem em toda a área da reserva, incluindo aves migratórias, importância reconhecida pelo facto de 76,85% da sua superfície se encontrar classificada como Zona de Proteção Especial (ZPE), ao abrigo da Diretiva Comunitária Aves, que visa fundamentalmente a conservação da avifauna e dos seus habitats, em particular as espécies que constam no Anexo I desta Diretiva, incluindo as aves migratórias que não estando referidas no Anexo I da Diretiva e que ocorrem regularmente em território europeu. Para além da ZPE de Castro Verde, salientamos ainda a ZPE de Piçarras, ambas incluídas na Rede de Espaços Naturais Protegidos da União Europeia - Rede Natura 2000. Por sua vez as duas ZPE, estão inseridas na Rede Fundamental de Conservação da Natureza do território português. As áreas classificadas ZPE na RBCV, estão igualmente reconhecidas pela Birdlife International como Área Importante para as Aves (IBA). Destacamos a presença de habitats, como os montados de azinho (*Quercus rotundifolia*) (Habitat 6310) e as substepes de gramíneas de *Therobrachypodietea* (Habitat 3170), sob a classificação da Diretiva Comunitária Habitats. A diversidade faunística presente na RBCV, tornam este território um local privilegiado para a caça, contudo foram definidas quatro zonas de interdição à caça, que correspondem às áreas propriedade da Liga para a Preção da Natureza, garantindo assim os ciclos biológicos das espécies cinegéticas, bem como o refúgio para outras espécies nomeadamente mamíferos, répteis, anfíbios e aves.

A diversidade faunística presente na RBCV, tornam este território um local privilegiado para a caça, contudo foram definidas quatro zonas de interdição à caça, que correspondem às áreas propriedade da Liga para a Preção da Natureza, garantindo assim os ciclos biológicos das espécies cinegéticas, bem como o refúgio para outras espécies nomeadamente mamíferos, répteis, anfíbios e aves.

O território da RBCV é definido por uma vasta extensão de planícies e de relevo suave quase desarborizadas, que se estendem de Beja até à serra algarvia do Caldeirão. A RBCV apresenta uma orografia suave, solos predominantemente xistosos e delgados e um clima tipicamente mediterrânico, com amplitudes térmicas elevadas, diárias e anuais e duas estações bem definidas. Os verões são quentes e secos e os invernos húmidos e frios, com temperaturas que podem ser negativas. A exploração da terra em Castro Verde esteve desde sempre associada à criação de gado e mais tarde ao cultivo de cereais de sequeiro. Verifica-se uma rotação das parcelas, onde a agricultura e a pastorícia coexistem desde há muito tempo. Estas práticas são o resultado da relação milenar entre o Homem e a Natureza, que ao longo dos tempos moldaram a paisagem.



A vasta planície de Castro Verde inclui um conjunto de sistemas ecológicos, ricos em habitats e espécies. De um modo geral, o ecossistema estepário é predominante, apenas descontinuado pelos vales das ribeiras e a Sul por algumas manchas de montado dominado pela azinheira, também chamada de carrasco ou chaparro. Estas características conferem uma elevada diversidade biológica e relevante importância socioeconómica. No seu conjunto estes elementos formam uma unidade de paisagem seminatural única, conhecida por estepe cerealífera sendo a mais importante de Portugal que, por sua vez é uma das mais representativas da Península Ibérica e de toda a Europa.

Esta paisagem de elevado valor natural suporta elevados níveis de biodiversidade, nomeadamente habitats e espécies de flora e de fauna e possui um notável grau de endemismos lusitanos e ibéricos, além de várias espécies ameaçadas.

A par dos recursos naturais, a RBCV conta com uma riqueza e diversidade etnográfica, onde é dada grande importância à preservação de costumes e traços culturais como o Cante Alentejano ou a Viola Campaniça.

O território da RBCV tem uma grande apetência para o turismo que se encontra em franca expansão contribuindo para isso a visibilidade da classificação como Reserva da Biosfera da UNESCO. Para esse desenvolvimento contribuem diferentes segmentos de turismo, merecendo destaque o turismo de natureza, centrado no uso do património natural, nos percursos de natureza e no birdwatching, um dos mais importantes recursos turísticos de Castro Verde. A estas valências associa-se a componente cultural e paisagística, associada ao slow tourism, ao património, à gastronomia e às tradições.

2. Roteiro Turístico da Reserva



2.1. PAISAGENS

A Reserva da Biosfera de Castro Verde é o resultado da ligação do Homem, com a mata mediterrânica e as searas. A utilização do solo associada à geomorfologia e ao clima moldaram esta paisagem de Portugal, a paisagem humanizada estepária.

- A **estepe cerealífera** ou pseudo-estepe, representa cerca de 82% da área da RBCV. Esta paisagem constitui uma das paisagens rurais mais ameaçadas da região Mediterrânica, quer por fatores de natureza ecológica, quer de natureza económica, dependente de uma atividade agrícola assente nas melhores práticas. A região tem apostado junto dos agricultores na implementação de práticas agrícolas compatíveis com a preservação da biodiversidade, das tradições e da cultura local. Deste modo a paisagem da RBCV apresenta-se predominantemente dominada pela estepe, onde se encaixam os aglomerados populacionais, algumas manchas de vegetação, vales e ribeiras. A RBCV apresenta na primavera, uma paleta de cores únicas, que dão lugar ao dourado da planície do Sul do Alentejo, na época de verão. Na RBCV registam-se pequenas elevações, como a Serra de Aracelis, onde para além da vista se poderá avistar a abetarda, o símbolo da RBCV.
- O **montado** é representado por pequenas manchas dispersas no território e compreende cerca de 13% da área total da RBCV. Trata-se de um sistema agroflorestal tipicamente mediterrânico e é constituído, maioritariamente, por azinheiras (*Quercus rotundifolia*) e alguns sobreiros (*Quercus suber*), podendo o sub-coberto ser aproveitado para o cultivo de cereais de sequeiro em rotação com pousios/pastagem, ou apenas como pastagem para ovinos e/ou bovinos. Entre os sobreiros da paisagem de Castro Verde, podemos encontrar um dos maiores exemplares desta árvore do Baixo Alentejo. Conhecido localmente por “Sobreira”, este espécime encontra-se na Herdade do Monte Curral, no limite Sudoeste da Reserva da Biosfera, com 32 metros de diâmetro de copa, 1,5 metros de diâmetro de tronco e altura de quase 20 metros e uma idade estimada de três séculos.





- Os **matos mediterrânicos** surgem geralmente em áreas com afloramentos rochosos que não podem ser lavrados ou em terrenos um pouco mais declivosos associados aos barrancos das ribeiras como a Ribeira de Cobres e a Ribeira Maria Delgada. Representam cerca de 4% da paisagem da reserva. A esteva (*Cistus ladanifer*) é a planta mais abundante, formando manchas homogéneas. No seu conjunto estas plantas impedem que os solos sejam facilmente erodidos formando matos baixos e ensolarados, que são muitas vezes o refúgio de uma grande diversidade de mamíferos muito importantes como o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), o saca-rabos (*Herpestes ichneumon*), o texugo (*Meles meles*), a raposa (*Vulpes vulpes*), o javali (*Sus scrofa*) e répteis como a cobra-de-escada (*Elaphe scalaris*) e a cobra-de-ferradura (*Coluber hippocrepis*) de fácil observação na RBCV.
- As zonas húmidas são muito importantes e encerram uma grande diversidade, tanto de fauna como de flora. Estas áreas apresentam dimensões muito reduzidas, correspondendo a menos de 1% da superfície, mas são umas das paisagens mais marcantes da RBCV, quer pelo seu valor paisagístico quer ao nível ecológico. A vegetação característica dos cursos de água está adaptada às condições extremas é o caso do loendro (*Nerium oleander*), da tamargueira (*Tamarix africana*), do tamujo (*Flueggea tinctoria*). A presença de alguns charcos temporários de reduzida dimensão, mas de elevada importância pela sua diversidade, são essenciais para a ocorrência de crustáceos endémicos da Península Ibérica por exemplo, tornando-os um Habitat prioritário da Diretiva Comunitária Habitats.





2.2. BIODIVERSIDADE

Flora

A estepe cerealífera mediterrânica é um dos ecossistemas terrestres mais ameaçados a nível europeu e mundial, devido à sua especificidade e elevada diversidade biológica. A flora presente na RBCV torna-se assim num dos hotspots mundiais mais representativos dessa biodiversidade. Destacam-se 11 endemismos, de salientar a presença de dois raros endemismos lusitanos, o coutinho (*Linaria ricardo*) e o caméfito (*Armeria neglecta*), espécies únicas no mundo e que ocorrem apenas na região. Árvores e arbustos como a azinheira (*Quercus rotundifolia*) e o sobreiro (*Quercus suber*), que se encontram reduzidos a áreas de montados esparsos, em especial de azinho. Nos matos predomina a esteva (*Cistus ladanifer*), mas existem ainda plantas aromáticas como a alfazema (*Lavandula* sp.), o rosmaninho (*Lavandula stoechas*) e o tomilho (*Thymus* sp.). Em algumas encostas mais declivosas das principais linhas de água, como a Ribeira de Cobres, existem fragmentos de vegetação natural, formações originais do matagal mediterrânico, onde ocorrem espécies arbustivas como o lentisco-bastado (*Phillyrea angustifolia*) e o zambujeiro (*Olea europaea sylvestris*). Nas zonas húmidas existe uma vegetação marginal usualmente formada por plantas paludosas, como a atabua (*Typha latifolia*), o bunho (*Schoenoplectus lacustris*) e alguns juncos (*Juncus* spp.), que servem de refúgio a várias aves aquáticas e nas zonas dos charcos temporários destaca-se o cardo-das-lagoas ou cardo-de-bicos-azuis (*Eryngium corniculatum*).



Fauna

Na fauna destacamos a comunidade de aves, que conta com cerca de duas centenas de espécies. Entre as aves associadas às extensas planícies cerealíferas, incluem-se espécies que apenas ocorrem neste tipo de paisagem, como é o caso das aves estepárias. Entre estas destaca-se a abetarda (*Otis tarda*), com estatuto mundial de 'Vulnerável', o cortiçol-de-barriga-preta (*Pterocles orientalis*) e o sisão (*Tetrax tetrax*), com estatuto de 'Em Perigo' e 'Vulnerável', respetivamente. Existem outras aves que, embora não dependam diretamente da dinâmica da estepe cerealífera, beneficiam desta como é o caso de aves de rapina com elevado estatuto de conservação, como a águia-imperial-ibérica (*Aquila adalbert*), com estatuto mundial de 'Vulnerável', o peneireiro-das-torres (*Falco naumanni*), pela ocorrência de cerca de 70% da população nacional e com as maiores colónias no país e o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), pela Maior concentração de casais a nível nacional, assim como rapinas de hábitos necrófagos como o abutre-Preto (*Aegypius monachus*). Existem ainda aves migratórias que beneficiam das excelentes condições da planície de Castro Verde, onde é possível observar importantes densidades de grou (*Grus grus*), abibes (*Vanellus vanellus*), tarambolas-douradas (*Pluvialis apricaria*), abelharuco (*Merops apiaster*) e a calhandrinha (*Calandrella brachydactyla*). Das espécies residentes existem núcleos significativos de alcarvão (*Burhinus oediconemus*), trigueirão (*Miliaria calandra*) e cotovia-montesina (*Galerida theklae*). Dada a sua importância para a conservação da avifauna, mais de 75% da superfície da Reserva da Biosfera está classificada, ao abrigo da Diretiva Comunitária Aves, como Zona de Proteção Especial (ZPE) tornando-a num pólo de birdwatching de relevante importância. Merecem ainda destaque mamíferos como o lince-ibérico (*Lynx pardinus*) presente esporadicamente, coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), lebre (*Lepus granatensis*) e a lontra-europeia (*Lutra lutra*).

Nas ribeiras como a Ribeira de Cobres e a Ribeira Maria Delgada, é ainda de realçar a ocorrência de três peixes endémicos da Península Ibérica, como o barbo de Steindachner (*Luciobarbus steindachneri*), a boga-de-boca-arqueada (*Iberochondrostoma lemmingii*) e a boga-do-Guadiana (*Pseu-dochochondrostoma willkommii*).

As zonas húmidas e os charcos temporários são também de extrema importância para vários anfíbios e répteis, como o sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*), cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*), albergando ainda uma rica microfauna de invertebrados (insetos e aracnídeos).





2.3. PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL

A paisagem atual da RBCV é o resultado de uma intervenção humana intensa cujas primeiras evidências remontam à Pré-história recente. Para a fixação das primeiras civilizações terão contribuído o clima ameno, o posicionamento geográfico e a riqueza mineira do subsolo..

A ocupação humana na região terá ocorrido entre o Neolítico e o Calcolítico, em particular no III milénio a.C., onde terão surgido os primeiros povoados. A presença humana trouxe a atividade agrícola e pastoril de subsistência, surgindo mais tarde na Idade do Bronze alguma extração mineira, sobretudo de afloramentos de minério de fácil exploração, com impacto significativo na evolução agrícola. O território era dominado por uma vasta charneca ocupada por florestas, mais ou menos densas de quercíneas, como a azinheira e o sobreiro. Progressivamente e com o fabrico das primeiras ferramentas, como o arado ou machado de ferro, iniciou-se a exploração da terra e conseqüente modificação do coberto vegetal, originando áreas abertas quase desarborizadas.

Com o passar dos séculos e com a presença na região de fenícios, gregos e cartagineses, surgiram novas técnicas de extração do minério, fundição de metais e práticas agrícolas, que permitiram ampliar o cultivo dos cereais e aumentar a produção do vinho e azeite, que mais tarde levou à existência de excedentes agrícolas.

Com a chegada dos romanos a agricultura adquire um elevado peso económico, assistindo-se à extensificação do cultivo de cereais e parte da população abandona os povoados comunitários para adotar um regime de ocupação individualista e de carácter fundiário da terra. Esta ocupação territorial marca a passagem para uma economia com uma forte componente agrícola.



Estas vivências aportaram uma cultura essencialmente associada á atividade agrícola, caso evidente do cante alentejano que é foi declarado pela UNESCO como Bem Imaterial da Humanidade e que outrora era cantado nos trabalhos e vivências do mundo rural por homens e mulheres, assim como a viola campaniça que encontra na reserva um dos seus mais importantes redutos.

A herança construída da reserva é vasta, marcada pelo casario tradicional e pela sua construção em Taipa, assim como pelos vestígios herdados de tempos idos, como o Castelo das Juntas, o Castelo da Amendoeira, ou as lucernas encontradas sobre um assentamento de uma antiga cidade Romana em Santa Bárbara de Padrões, são exemplos da riqueza arqueológica do território. As igrejas e as ermidas como a de São Miguel, que data dos finais do século XVI, representam a devoção de um povo, tornando-as em espaços importantes e alvos de romarias e promessas.

A sua forte identidade cultural e o sentido de pertença potenciado pelo seu património e pela sua dinâmica cultural e social fazem da reserva um território distinto com elementos naturais e traços culturais únicos, e graças a um modelo de desenvolvimento socioeconómico local tem sabido manter a identidade e tradição do seu território sem hipotecar os valores presentes.





2.4. GASTRONOMIA

A cozinha tradicional da Reserva segue as premissas da base da gastronomia alentejana - na que assenta em sabores únicos que obedecem à tradição do saber fazer das gentes campaniças. É uma cozinha característica do Baixo Alentejo que é rica nos sabores da terra tendo por base as carnes de caça como a lebre ou a perdiz, e de pastoreio como o borrego, sem esquecer o porco alentejano.

Entre os pratos tradicionais, encontramos as sopas de pão, a açorda, as migas de carne e de espargos, o gaspacho e o ensopado de borrego. Os produtos endógenos como as túberas e o pau-roxo diversificam e aportam inovação e interesse.

Além de tudo isto os enchidos e fumados de porco alentejano, os queijos campaniços frescos e secos, o requeijão, os licores, o vinho, o azeite, o pão e o mel são outros produtos locais que podem ser facilmente encontrados tanto nos restaurantes como no comércio tradicional.

Os doces regionais mais típicos são as queijadas de requeijão, os folhados de gila, as costas alentejanas, os nógados, e as popias alentejanas, são receitas passadas de geração em geração e constituem uma parte importante da cultura gastronómica da região.



2.5. EVENTOS/FESTIVIDADES

- A **Feira de Castro** é uma feira secular e foi instituída por Filipe II, em 1620. A instituição da Feira de Castro teve por objetivo converter o rendimento dos terrádegos em fundos necessários à reconstrução da Igreja das Chagas do Salvador. A Feira de Castro realiza-se no mês de outubro e assumiu desde cedo protagonismo na região sul do país, mantendo a tradição e uma forte ligação com o passado, nomeadamente através do arraial de gado e venda de produtos tradicionais. A feira, ao longo dos tempos, tem vindo a alinhar-se com os padrões de vida modernos e apresenta uma programação cultural onde se destacam um conjunto de iniciativas que têm como referência a valorização da tradição e do património cultural, como o desfile de corais Planície a Cantar ou o Encontro de Tocadores de Viola Campaniça e Cantadores de Despique e Baldão.
- As **Festas de Castro** assumem-se como um importante momento de atração de visitantes ao concelho e contribuem para a afirmação de Castro Verde como destino de eventos. O certame assinala as Comemorações do Feriado Municipal de Castro Verde e atrai á vila muitos visitantes para assistirem a nomes do panorama musical nacional bem como a espetáculos da cultural local, como o Cante Alentejano e as marchas populares. A gastronomia local está presente nas várias tasquinhas bem como uma feira de artesanato.
- O Festival denominado de **Sabores do Borrego** realiza-se em Castro Verde e pretende valorizar e afirmar a agricultura e a pecuária do concelho e promover um dos produtos mais emblemáticos da região do Campo Branco, o borrego. Este é uma marca de qualidade do concelho e de grande importância para a economia local. No Festival decorrem atividades de dinamização de um conjunto de iniciativas variadas, que vão desde mostra de cães da raça Rafeiro do Alentejo, a exposições e palestras relacionadas com a atividade do setor pecuário, música popular e concertos. Decorre paralelamente ao festival, a Semana Gastronómica do Borrego e envolve os restaurantes do concelho que incluem nas suas ementas pratos confeccionados à base de borrego.
- O **Festival Primavera** é um evento associado às comemorações do 25 de abril muito importante, que contempla a vertente histórica e cultural e que coincide com o aniversário da Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca e com as comemorações do Dia Mundial do Livro. O festival conta com uma agenda cultural muito variada com concertos, exposições, teatro, livros e leitura, artes plásticas, bem como desporto ao ar livre e atividades infantis, que acontecem em diversos pontos do concelho de Castro Verde.
- O **Festival Planície Mediterrânica** é o mote da participação que Castro Verde tem no Festival Sete Sóis Sete Luas desde 2000. O Festival dinamiza uma programação de cultura local com outras culturas de tradição mediterrânica, incorporando a educação para a solidariedade e a tolerância. Atualmente, o festival promove uma rede cultural que envolve vários países de cultura mediterrânea ou lusófonos como o Brasil, Cabo Verde, Croácia, Eslovénia, Espanha, Marrocos, Roménia e Tunísia. No Festival privilegiam-se relações vivas e diretas com pequenos centros urbanos e com os seus artistas. Através da arte, da música e da literatura, esta rede tem sido também promotora de turismo cultural e de produtos locais das terras que a integram, proporcionado um mercado importante para o desenvolvimento da economia local e das suas populações.



- Todos os anos, no dia de S. Sebastião, 20 de janeiro, realiza-se nas ruas contíguas à Capela, a **Feira de S. Sebastião ou do “Pau Roxo”**, uma cenoura oriunda do oriente e é cultivada tradicionalmente nesta região. A zona envolvente á Ermida de S. Sebastião junta bancas, vendedores e fregueses. Árvores de fruto, produtos hortícolas, queijos e enchidos são alguns exemplos do que se pode encontrar nesta primeira feira do ano e uma das últimas de tradição medieval da região. A rainha da feira é a cenoura roxa ou “pau-roxo”, nome pelo qual esta leguminosa é vulgarmente conhecida e é presença obrigatória nos restaurantes locais que participam na mostra gastronómica existente, disponibilizando, na sua ementa, pratos com este legume dado que o mesmo só se encontra disponível nesta altura do ano.
- É na freguesia de Casével, junto aos montes Gregórios, que decorre tradicional **Romaria a São Miguel** no mês de maio. A Romaria inicia-se com a saída da imagem de S. Pedro da Capela de São Pedro das Cabeças, que é transportado até à Basílica Real de Nossa Senhora da Conceição, sendo posteriormente transportado para a Ermida de São Miguel, onde é celebrada a eucaristia. A celebração religiosa dá lugar ao convívio, almoço e animação musical. A Ermida de São Miguel data dos finais do século XVI e é um edifício de matriz seiscentista e setecentista. Este monumento ficou conhecido com a descoberta de uma fonte de águas nas suas proximidades que, segundo os populares operava milagres, os quais originaram a realização de romarias e promessas. A partir da Ermida ainda se realizam duas procissões, uma de Casével e outra de Castro Verde.
- A **Romaria de Nossa Senhora de Aracelis** acontece anualmente na ermida localizada no limite do concelho de Castro Verde na localidade de Monte de Salto, encontra-se no alto do monte de onde é possível contemplar o campo branco. É local de peregrinações anuais desde há muitos séculos e a romaria realiza-se no último fim-de-semana de agosto, quando a imagem é posta a circular em redor da ermida onde dezenas de agricultores da zona aí se deslocam a pedir um bom ano agrícola.
- A **Festa da Vigília** decorre na freguesia de Santa Bárbara de Padrões, onde a Santa Barbara é a padroeira dos mineiros, atividade com raízes fortes no concelho de Castro Verde. As festividades incluem uma missa à qual se segue a procissão pelas ruas da aldeia, o tradicional baile com música ao vivo e barraquinhas de comes e bebes.





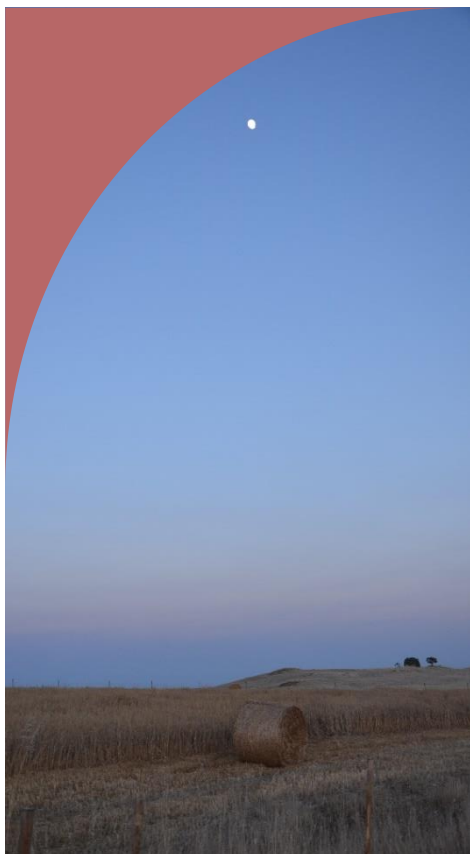
2.6. MUSEUS E PARQUES

- O **Museu da Ruralidade** assume um importante papel na salvaguarda do património imaterial do Campo Branco, em particular, na criação de um espaço de diálogo entre o património material e imaterial. Estão patentes algumas alfaias agrícolas e objetos representativos da ruralidade campaniça, bem como uma oficina do ferreiro e uma área particularmente vocacionada à oralidade tendo como pano de fundo a Feira de Castro e a Viola Campaniça, enquanto manifestações singulares do património imaterial desta região.
- O **Museu da Lucerna** possui uma coleção única, sendo a maior coleção conhecida de lucernas de todo o império romano, estão datadas do Século I-III d.C., descobertas em 1994, na localidade de Santa Bárbara dos Padrões. Os milhares de lucernas descobertas durante uns trabalhos arqueológicos, permitiram preparar e expor um conjunto único desses utensílios de iluminação, decorados com cenas da vida quotidiana ao universo mitológico da Antiguidade, constituindo um exemplo da riqueza arqueológica do território da reserva.
- A **Basílica Real de Castro Verde** é um templo imponente que se destaca no núcleo urbano da vila. O seu altar-mor é revestido a talha dourada e o interior coberto por riquíssimos painéis de azulejos do século XVIII que retratam a Batalha de Ourique, episódio lendário ligado à fundação da nacionalidade. O título de Basílica Real foi concedido por D. João V em homenagem à vitória do primeiro rei de Portugal – D. Afonso Henriques – sobre os cinco reis Mouros, ocorrida no dia 25 de julho, dia de Santiago, corria o ano de 1139. Na Basílica Real de Castro Verde pode visitar o Tesouro da Basílica, núcleo museológico de arte sacra, onde se podem apreciar algumas das peças religiosas mais importantes do concelho, com especial destaque para a Cabeça-Relicário de São Fabião, uma obra-prima da ourivesaria românica peninsular do século XIII.



2.7. ARTESANATO

O artesanato tradicional continua a assumir na região um importante papel de salvaguarda da memória e das tradições. Pelas mãos dos artesãos nascem peças que remetem para a tradição do meio rural. Existindo alguma tecelagem e peças trabalhadas em diferentes materiais, de que são exemplo, miniaturas de alfaias agrícolas e utensílios mineiros, feitos em madeira, cortiça ou lata. Mas aquela que acaba por reunir maior destaque é a construção da Viola Campaniça e que detém um forte potencial de crescimento pela sua importância na região.



2.8. PERCURSOS PEDESTRES

No coração do Campo Branco a RBCV oferece mais do que uma única paisagem, oferecendo uma combinação entre a natureza e a presença humana. A riqueza cultural, paisagística, faunística e florística do território confere excelentes condições para o pedestrianismo. Aqui pode observar a pseudo-estepe, com as suas aves características, mas também os montados, os matos e as zonas húmidas, com uma grande aptidão para o birdwatching. A RBCV oferece um conjunto de caminhos rurais que permitem a descoberta do mundo rural e fruição da natureza, merecendo destaque o CVR PR1-Uma Viagem aos Primórdios da Nacionalidade, CVR PR2-Um Saltinho ao Altar Celeste e o CVR PR3- Via Verde na Portagem dos Campos de Ourique. É possível encontrar informações relevantes sobre estes percursos e outros existentes em aplicações móveis disponíveis para os sistemas iOS ou Android associadas á temática e websites como o www.walkingportugal.com/default.htm.



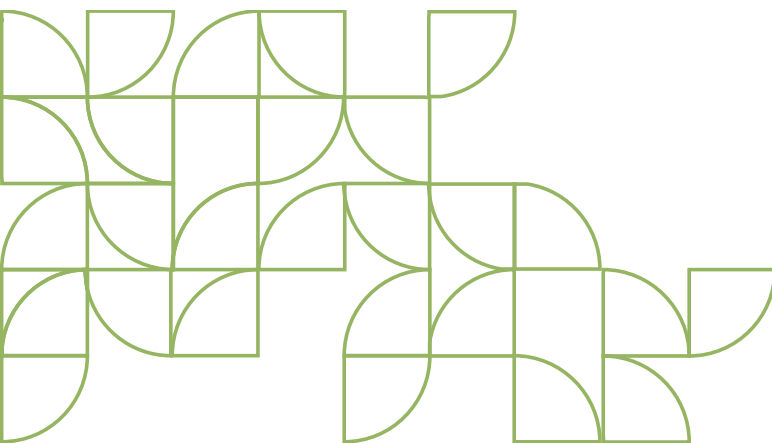
Reservas da Biosfera: Territórios Sustentáveis, Comunidades Resilientes

As Reservas da Biosfera (RB) representam o compromisso da salvaguarda do património natural de territórios singulares em harmonia com as comunidades, valorizando a sua identidade e património social e cultural. A rede mundial de RB dá expressão à Agenda 2030 e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a nível local, apoiada nos pilares da UNESCO: educação, ciência, cultura e informação.

Este Projeto assenta na qualidade ambiental dos territórios das RB, em larga medida decorrente do empenho e trabalho realizado pelas entidades responsáveis.

Visa a valorização dos territórios, em estreita articulação com as comunidades, compreendendo os ativos patrimoniais e a promoção dos serviços de ecossistema, apostando no reforço de competências, assumindo uma estratégia de valorização e comunicação assertiva e inovadora, e adotando um modelo de governança exigente e colaborativo.

O Projeto teve início em novembro de 2020 e tem uma duração de 34,5 meses. É financiado pelo EEA Grants 2014-2021, no âmbito do Programa "Ambiente, Alterações Climáticas e Economia de Baixo Carbono" promovido pela Secretaria-Geral do Ambiente e Ação Climática.



Iceland
Liechtenstein
Norway grants



Reservas da Biosfera: territórios sustentáveis, comunidades resilientes

PARCERIA E EQUIPA

